

A Bíblia, o Pregador e o Espírito

Vincent Cheung

Copyright © 2006 de Vincent Cheung. Todos os direitos reservados.

Publicado por [Reformation Ministries International](#)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

Deus deu à Bíblia um lugar muito proeminente tanto na história da humanidade em geral, como na história da redenção em particular. De fato, se pensarmos sobre o assunto, isto é apenas outra forma de dizer que ele deu a si mesmo esta proeminência. Isto porque, visto que a Bíblia é a sua própria Palavra, ou uma porção revelada da sua mente divina, e visto que separar a mente de uma pessoa da própria pessoa não faz sentido quanto a idéia toda do que significa ser uma pessoa, nunca podemos separar a Bíblia do próprio Deus, como se fosse possível tratar com um sem também tratar com o outro.

Quando falamos dessa forma, não estamos primariamente nos referindo à Bíblia como um livro físico, do qual há muitas cópias impressas, mas estamos nos referindo à “Palavra” de Deus incorpórea. Estamos nos referindo àquela porção da sua mente que ele nos revelou, que é em si mesma não-física. Contudo, no que se segue me referirei à “Bíblia” ao invés de a “Palavra” para enfatizar que Deus revelou sua mente para nós e registrou seus conteúdos na forma de uma revelação verbal e escrita.

Deus governa pela Bíblia. Através deste livro, ele declara que ele é o criador e que o homem é a criatura. Como o oleiro tem o direito de moldar algo que lhe agrada a partir do barro, Deus tem o direito como criador de fazer qualquer criatura que ele deseje, e fazer a criatura para qualquer propósito que ele queira. Através deste livro, Deus diz ao homem seu lugar como criatura no universo e na história. Ele diz ao homem o padrão pelo qual ele deve se conduzir neste mundo, e ele demanda que o homem o obedeça.

Através deste livro, ele define para o homem a verdade e o erro, e o certo e o errado. Uma religião falsa como a *Baha'i Faith*¹ reivindica encorajar a “investigação independente da verdade”, isto é, até sua investigação sugere que a *Baha'i Faith* é falsa. Você pode investigar tanto quando desejar – sim até mesmo “independentemente” – conquanto você finalmente concorde com o *Baha'i Faith*.

Membros da comunidade científica não estão acima desta hipocrisia. Eles te encorajam a pensar por si mesmo, mas quando você de fato faz isso, escapando da irracionalidade do empirismo e cientismo, eles ficam indignados. Eles chamam a religião de irracional, e ela é irracional porque é não-científica. Contudo, o que é praticar o método científico, senão primeiro assumir sem justificação a confiabilidade da sensação e indução, e então cometer a falácia lógica de afirmar o conseqüente repetidamente? O método equivale a nada mais do que um irracionalismo sistemático. A lógica nunca foi o ponto forte da ciência. Ela tem as suas utilidades, mas descobrir a verdade sobre a realidade não é uma delas.²

Deus, a Bíblia, e assim, o Cristianismo, estão livres da hipocrisia da ciência e das falsas religiões. Este livro revela e te diz que se você tentar uma investigação independente da verdade, independente da revelação divina, então você será enganado e chegará a uma falsa conclusão. A razão para isso é que uma pessoa nunca pode conduzir uma investigação da verdade independentemente de alguns princípios. Visto que o Cristianismo é a verdade, realizar uma investigação da verdade independentemente dele significa necessariamente que a investigação deve adotar um

¹ Nota do tradutor: Fé Bahá'í (também chamada equivocadamente de Bahaísmo) é uma das novas religiões mundiais independentes. O seu fundador, Bahá'u'lláh (1817-1892), é considerado pelos bahá'ís como o mais recente na linha dos Mensageiros de Deus, que remonta aos primórdios da história e da qual fazem parte Krishna, Abraão, Moisés, Buda, Zoroastro, Cristo, Muhammad - Maomé e Báb.

² Veja Vincent Cheung, *Questões Últimas e Presuppositional Confrontations*.

ponto de partida falso. Em outras palavras, se você tentar uma investigação *da verdade* que é independente *da verdade*, então sua investigação se aparta da verdade desde o princípio, e não há nenhuma forma de você chegar à verdade quando você começa fugindo dela. Ao trazê-los à fé em Cristo, Deus salva seus eleitos da obstinação intelectual inicial deles.

A Bíblia é ousada e honesta. Ela te diz que se você discorda com algo dela, então você está errado, e Deus te responsabilizará por sua falsa crença e a falsa conduta que se segue dela. Ela não pretende te conceder o direito de se opor ou debater com ela. Você deve concordar com ela, crer nela, e obedecê-la. Ela não respeita valores e opiniões privadas, como se cada um de nós fossemos o nosso próprio deus. Ela ignora aquelas coisas que consideraríamos nossos direitos quando estamos tratando com os nossos semelhantes. Isso é assim porque quando estamos tratando com a Bíblia, não estamos tratando com outros seres humanos, mas com o próprio Deus. Até mesmo os direitos que temos quando tratando com outros seres humanos devem vir da própria Bíblia, visto que Deus é o governador de todos nós, e ele é aquele quem define a relação apropriada entre suas criaturas.

Através deste livro, Deus dita todo aspecto da vida humana. Ela nos fala sobre como adquirir, economizar e gastar nosso dinheiro. Ela nos diz como e o que ensinar aos nossos filhos. Ela nos diz com que tipo de pessoas podemos ter amizade, confiar e casar. Ela atribui papéis sociais, incluindo aqueles que pertencem a idade, posição, gênero e conhecimento e maturidade espiritual. Ela regula o que alguns consideram as questões mais privadas, tais como sexualidade humana. Muitas pessoas pensam que a sexualidade é um assunto que diz respeito somente a elas, mas a Bíblia prescreve instruções e preceitos exatos sobre o assunto, ora exortando e ordenando, ora proibindo e condenando. Ela anuncia princípios concernentes ao consumo de álcool, e faz da glotonaria um pecado. Então, ela contém mandamentos até mesmo com respeito aos nossos pensamentos e motivos, de forma que não somente é pecaminoso roubar, mas é pecaminoso cobiçar também. Porque este livro contém o todo da vontade de Deus para a humanidade, ele representa tudo que os rebeldes espirituais odeiam.

O governo humano também deve se curvar diante da autoridade da Bíblia. Embora eu concorde com aqueles que afirmam que a Constituição dos Estados Unidos tem a intenção de proteger a igreja do Estado, antes do que requerer que o Estado isole e discrimine a igreja, esta não é a nossa preocupação presente. Ao discutir a função e autoridade apropriada do governo, devemos lembrar que o que é Americano não é necessariamente cristão, e que existem muitos países no mundo e por toda a história cujas leis são diferentes daquelas dos Estados Unidos.

Assim, nova primeira preocupação não deveria ser a interpretação apropriada da lei Americana, ou nem mesmo as visões dos fundadores da nação, como se devêssemos segui-los mesmo que eles fossem ateístas, deístas ou até mesmos muçulmanos ou budistas! Agora, quando diz respeito ao nosso pensamento sobre o governo humano, nossa primeira preocupação deveria ser o entendimento apropriado da Escritura sobre o assunto. O que conseguirmos com esta perspectiva se aplicará a todo país, em todo período da história humana.

Para começar, qualquer governo humano deveria ser estabelecido “pela autoridade de Deus, para a glória de Deus”, e não “pelo povo, para o povo”. Isto não é anular o

fundamento do governo Americano ou a filosofia da democracia. Deixe-me dizer duas coisas sobre isto para esclarecer.

Primeiro, o governo humano ideal não é a democracia, mas a ditadura divina – isto é, ter Jesus Cristo como o rei de todos. A ditadura é, em princípio, a forma mais eficiente de governo, mas seu sucesso depende da dignidade, capacidade e caráter do ditador. Somente Jesus Cristo merece este nível de exaltação, e somente ele pode exercer tal poder justa e sabiamente. Seu governo não requereria nenhum conselheiro, nem procedimentos políticos ineficientes e nenhum equilíbrio de poder. E não haveria nenhuma corrupção, injustiça, engano ou fracasso.

Certamente, Deus tem sempre governado o universo, e todas as coisas procedem de acordo com a sua vontade. Mas nossa discussão presente não se relaciona com o ponto de referência último, mas com um subordinado, pois estamos considerando apenas o governo *humano*. E sobre este nível, Deus não nos tem dado a ditadura divina como um sistema de governo humano. Até chegarmos ao céu, não haverá nenhum governo no qual aqueles que sustentam o poder sejam completamente sem pecados e egoísmo, e no qual todos os preceitos de Deus sejam perfeitamente seguidos. Assim, admitir que nosso sistema de governo não é ideal não necessariamente significa que ele merece ser anulado, e ainda menos significa que deveríamos adotar outra forma de governo, tal como uma ditadura *humana*.

Em segundo lugar, o princípio de “pelo povo, para o povo” é de fato aceitável e talvez até mesmo preferível, mas somente quando considerado num sentido relativo, isto é, não com relação ao governo divino, mas com relação a um ponto de referência subordinado. Em outras palavras, aqui excluimos temporariamente a relação criador-criatura do nosso pensamento, e em vez disso, consideramos somente as relações entre os homens.

Mas o que é relativo é subordinado, de forma que ele não pode ser o fundamento *último* para o governo. Antes, visto que Deus é o ponto de referência último para tudo da realidade, não podemos verdadeira e finalmente excluí-lo de cada aspecto do nosso pensamento, e assim, ele deve ser também o ponto de referência último para o governo humano. Portanto, “pela autoridade de Deus, para a glória de Deus” deve ser a filosofia cristã do governo humano. Os compromissos temporários de lado, a autoridade divina e os preceitos revelados devem construir o ponto de partida do nosso pensamento.

Nos Estados Unidos, o argumento é frequentemente sobre a assim chamada “separação da igreja do Estado”. A legitimidade da própria frase está em questão, visto que a Constituição de fato não a inclui ou afirma. Mas como mencionado, a Constituição não é a Bíblia. Ela não tem nenhum lugar necessário numa discussão sobre o ensino da Bíblia sobre o governo, a menos que a discussão tenha a ver com se a Constituição é bíblica ou não. Neste instante estamos pensando sobre o governo humano – *tudo* governo humano, e não apenas dos Estados Unidos.

Precisamos considerar a relação correta entre a igreja e o Estado, e se deveria haver uma “separação” entre elas em algum sentido. Nisto podemos dizer que a igreja e o Estado são duas instituições estabelecidas por Deus para servir funções diferentes. Elas são “separadas” no sentido de que a autoridade dada a uma não é exercida pela

outra. Por exemplo, a igreja não deve realizar execuções, e o Estado não deve excomungar pessoas da igreja.

Aqui está o ponto onde o pensamento de algumas pessoas se torna confuso. Elas parecem pensar que apenas porque o Estado é “separado” da igreja no sentido especificado acima, ele deve, portanto, ser edificado como algo totalmente secular; mas isto é incorreto! Embora o Estado seja distinto da igreja, devemos lembrar que a igreja não é Deus, e a igreja não é a Bíblia. A visão apropriada é que até mesmo em situações onde a igreja não está debaixo do Estado, e onde o Estado não está debaixo da igreja, ambas as instituições permanecem debaixo de Deus e da Bíblia.

Deus é o governador sobre toda pessoa e toda instituição, não apenas dos crentes e da igreja. E visto que a Bíblia é sua revelação, ela carrega a mesma autoridade sobre toda pessoa e toda instituição. Portanto, todo governo humano deve se submeter e operar debaixo da Bíblia, e qualquer desvio dela constitui rebelião contra a autoridade divina. O Estado não é a igreja, mas ele não tem a permissão de ser moralmente secular, também. Devemos lembrar que o governo não é uma entidade vazia ou impessoal, mas ele é constituído de pessoas, quer sejam eles reis, juizes, oficiais da lei ou representantes eleitos. E como pessoas, cada uma delas tem a obrigação de crer no evangelho do Senhor Jesus Cristo e obedecer todos os seus ensinamentos *em todo o tempo*, incluindo os tempos quando eles estão promulgando leis e desempenhando suas funções públicas.

Este é o único fundamento racional e defensível para formular e reforçar as leis que regulam a sociedade. Sobre este fundamento, por exemplo, podemos afirmar que o Estado tem a permissão de condenar e executar assassinos. Por outro lado, se o Estado não está debaixo da autoridade imediata da Bíblia, então não há nenhum argumento final proibindo-o de ignorar os assassinos, ou mesmo estabelecer leis que *encorajam* o assassinato. O mesmo se aplica às coisas como estupro, roubo, perjúrio e assim por diante.

Mas se a Bíblia é a autoridade imediata que governa diretamente as leis e decisões do Estado, então o Estado também deve condenar coisas tais como blasfêmia, adultério e homossexualidade, ao invés de se orgulhar de conceder aos seus cidadãos a liberdade para cometer tais abominações. Contudo, porque a sociedade humana não tem operado sob este princípio, ela estabelece leis que abre a comporta para o assassinato em massa (como no aborto), que endossa a sodomia desenfreada, que considera o adultério como um assunto privado entre adultos que consentem, e que concede o divórcio como um direito para ser exercido livremente.

E aqueles lugares que têm leis blasfemas agora as consideram arcaicas e não mais as reforçam. Mas como Calvino escreve, o ofício do magistrado deve atender “a ambas as Tábuas da Lei”, e é “tolice negligenciar a preocupação com Deus... e dar atenção somente a estabelecer justiça entre os homens. Como se Deus apontasse governadores em seu nome para decidir controvérsias terrenas, mas fazer vistas grossas para o que é de maior importância – que ele mesmo seja puramente adorado de acordo com a prescrição da sua lei”.³

³ João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, 4.20.9.

Alguns cristãos não têm problema em pensar que uma nação deveria ser fundamentada sobre a assim chamada segunda tábua da Lei, mas de alguma forma pensam que a primeira tábua deveria ser deixada de lado. Mas a primeira tábua é o fundamento para a segunda, isto é, o temor de Deus é o único fundamento apropriado para as relações corretas entre os homens. Deixar de lado a primeira é destruir a segunda, ou talvez pior, é colocar a segunda tábua de mandamentos divinos sobre um fundamento humanista. Tal monstro de um sistema legal não pode permanecer, e inevitavelmente cairá em maior e maior injustiça e frouxidão moral.

Alguns cristãos separam totalmente o Estado da religião, mas ao mesmo tempo tentam argumentar que o Estado deveria adotar valores bíblicos. A partir do que eles têm aprendido da Escritura, eles percebem o que a lei deveria ser para poder ser justa e correta, mas então eles tentam argumentar por isso após já terem se apartado do debate, pela própria razão de que eles já sabem o que a lei deveria ser em primeiro lugar. Assim, não somente o pensamento deles tem se tornado confuso, o argumento fraco e a tarefa impossível, mas eles de fato terminam numa posição que é menos do que bíblica.

Você pode imaginar Jesus Cristo ordenando que tanto a criação como a evolução deveriam ser ensinadas nas escolas públicas? O fato de que a Bíblia não é o livro-texto pelo qual todos os outros são julgados, e que um Cristianismo explícito e exclusivo não é ensinado nas escolas públicas é um crime contra Deus, e que a evolução não é totalmente refutada e condenada representa uma rebelião e apostasia nacional patentes. Urgir que a criação deveria ser ensinada nas escolas públicas *juntamente com* a evolução já é uma concessão.⁴ Isso poderia ser necessário dado a nossa presente situação, se é pudéssemos obter sequer isto, mas seria errado afirmá-lo em princípio também, pois em princípio, a evolução deveria ser banida totalmente sobre o fundamento de que ela constitui uma conspiração para enganar o público.

Lembre-se que não estou falando sobre o que é realmente possível e legítimo sobre a base da lei Americana, mas estou falando sobre aquelas coisas que deveriam existir a partir da perspectiva da Bíblia, isto é, a situação ideal. Enquanto isso, devemos trabalhar com as leis existentes em cada sociedade para alcançar os resultados que estejam mais de acordo com os preceitos bíblicos, enquanto oramos para que as leis mudem para melhor no futuro. Isto virá somente como um resultado de uma mudança fundamental no clima espiritual da nação, à medida que o Espírito torna a pregação eficaz e frutífera. Em todo caso, ao trabalhar com o que é possível no presente, devemos não esquecer do ideal, que é este: mesmo que não uma não esteja sob a jurisdição de outra, ambas as instituições devem funcionar diretamente debaixo da autoridade divina da Bíblia.

Isto nos leva de volta ao ponto que estou estabelecendo, visto que meu foco não é de fato sobre teoria política. Antes, nossa discussão diz respeito à relação da Bíblia com a humanidade, e o ponto é que visto que a Bíblia é a porção revelada da mente de Deus, e nenhuma pessoa está separada da sua própria mente, a Bíblia, portanto, carrega a própria autoridade de Deus, de forma que quando diz respeito a conhecer a vontade de Deus, as duas devem ser identificadas. Deus ordenou este livro para governar a

⁴ Estou me referindo a ensinar a criação diretamente a partir da Bíblia, não a “ciência” da criação.

humanidade. Segue-se que nenhuma pessoa e nenhuma instituição que se desvia dos ensinamentos da Bíblia pode permanecer sem culpa.

De fato, toda instituição consiste de *pessoas* que Deus mantém responsáveis, de forma que se estamos falando sobre indivíduos, a igreja, ou o Estado, ainda estamos falando sobre pessoas que são obrigadas a crer e obedecer todos os preceitos de Deus durante todo tempo, e não importa em qual posição elas estão agindo. Você não pode pregar como um cristão e então votar como um ateu. Se você o fizer, você provavelmente é simplesmente um ateu. Você não pode militar contra o aborto, e então apoiar uma lei que conceda direitos anti-bíblicos a homossexuais, a despeito de se você pensa que isso é a coisa Americana a se fazer. Deus não te considerará sem culpa simplesmente porque você está tratando com questões do Estado. Ele poderia simplesmente “separar” você totalmente da igreja e lhe enviar para o inferno. Ali você pode organizar a sua política.

Assim, Deus julga pela Bíblia. Porque a Bíblia mantém a relação exposta acima com a humanidade, e porque ela é a revelação dos mandamentos e preceitos divinos, ela é o ponto de referência pelo qual Deus julga toda pessoa. Para pensar cuidadosa e claramente sobre isto, devemos enfatizar novamente que porque a Bíblia (ou a Palavra de Deus incorporada) é a revelação de uma porção da mente de Deus, e a mente de uma pessoa é *a* pessoa, não há nenhuma diferença entre a autoridade da Bíblia e a autoridade de Deus, e em nosso presente contexto, não há nenhuma diferença entre a Bíblia como o ponto de referência e Deus como o ponto de referência.

É Deus quem estabelece o padrão. Descrê-lo e desobedecer a Deus é pecado, e crer e obedecê-lo é justiça. Visto que não há nenhuma diferença entre a Bíblia (a Palavra de Deus incorporada) e Deus, segue-se que a atitude e reação de uma pessoa para com a Bíblia deve ser tomada como sua atitude e reação exata para com Deus. Isto significa que ninguém pode obedecer a Deus e desobedecer a Bíblia. E ninguém pode alegar amar a Deus mais do que ele ama a Bíblia. Qualquer pessoa que descrê em alguma parte da Bíblia chama Deus de mentiroso.

O que quer que a Bíblia diga é o que Deus diz. Se não fosse pela incredulidade, esta declaração seria desnecessária e redundante, por tudo o que isso significa é que o que Deus diz é o que Deus diz. Agora, Deus é aquele que julga e aquele que condena. Portanto, segue-se necessariamente que é a Bíblia que julga e é a Bíblia que condena. Deus condena ao inferno todo aquele que a Bíblia condena ao inferno. Não há nenhuma diferença.

Assim, nunca deveríamos hesitar em tomar uma posição decisiva com respeito à natureza e destino de um tipo de pessoa, uma crença, ou uma ação que a Bíblia tem abordado. Nunca deveríamos usar a escusa: “Somente Deus sabe”. Não!; *nós* também sabemos, pois Deus revelou seu pensamento sobre o assunto para nós. Os não-cristãos irão para o inferno. Os homossexuais sofrerão para sempre no fogo do inferno. O feminismo é do diabo. A ambição leva à perdição. Os mentirosos serão expostos e punidos. Os opressores serão destruídos pela ira divina. Nós *sabemos* todas estas coisas.

Brincar de humilde e não-julgador quando Deus já nos revelou seu veredicto é desafiá-lo na cara. Um cristão professo estaria indisposto a dizer que os mórmons irão

para o inferno porque “somente Deus pode fazer tal decisão”. Que insulto a Deus! Suponha que eu lhe diga que eu gosto de carne bovina, mas detesto carne de porco, e então você se volta e diz a alguém: “Eu não sei o que trazer para Vincent. Somente ele pode nos dizer do que ele gosta”. Certo, e eu já lhe disse, mas você tem tão pouco respeito para comigo que é como se você não prestasse atenção em mim, ou ignorasse o que eu disse. E é como se este cristão professo nunca tivesse lido a Bíblia, ou desconsiderasse o que leu. Quanto a mim, eu *sei* que os mórmons, muçulmanos, católicos, hindus e budistas verdadeiros, e todos aqueles que rejeitam Jesus Cristo irão para o inferno. Deus falou, e eu não ousou fingir que nada tenha acontecido.

Então, Deus salva pela Bíblia. Sabemos que ele julga pela Bíblia, e por ela todos os homens são achados como pecadores e rebeldes contra Deus, e assim a Bíblia condena todos os homens a um inferno eterno em chamas. Mas ela também revela o único caminho para a salvação, e esta é através da fé em Jesus Cristo.

João 5:39-40 diz: “Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida”. Estes versículos têm sido interpretados incorretamente por algumas pessoas, especialmente os de tipo anti-intelectual e anti-doutrinário, como ensinando o oposto do que eles afirmam. É alegado que aqui Jesus refuta o erro de se olhar para um livro ao invés de uma pessoa. De acordo com esta visão, a Bíblia não deve ser nosso objeto direto de crença, mas ela é somente um apontador para a pessoa de Cristo, que deve ser o verdadeiro objeto da fé. Os fariseus erravam em sustentar a Bíblia numa estima tal alta que eles abraçavam o livro, mas rejeitavam a pessoa.

Contudo, isto definitivamente não é o que Jesus diz. Ele declara que as pessoas pensam que poderiam possuir a vida eterna através de um estudo diligente da Escritura, mas que eles rejeitam a própria coisa sobre a qual a Escritura testifica. Em outras palavras, não é que as pessoas estimem muito a Bíblia, mas o exato oposto é verdadeiro – elas não têm nenhum respeito pelo que a Bíblia ensina. A reverência delas para com a Escritura é uma mera pretensão. De fato, Jesus repetidamente os acusa de fazer isto. Como ele diz em outro lugar: “Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens” (Marcos 7:8). Os fariseus erravam ao estudar a Bíblia, *pois* ao mesmo tempo recusavam tomá-la seriamente, ou crer e obedecê-la. Esta era a condenação delas, e isto é o que condena muitas pessoas hoje.

Assim, embora possa parecer piedoso para algumas pessoas, é no mínimo enganador dizer: “Não somos salvos por crer num livro, mas por crer numa pessoa”. Dizer isto sobre a Bíblia seria como dizer: “Não somos salvos por crer nas palavras de Cristo, mas por crer na pessoa de Cristo”, como se as palavras de Cristo pudessem ser separadas da pessoa de Cristo de tal maneira, e como se pudéssemos conhecer a pessoa sem as palavras. Se você crê nas palavras, você crê na pessoa e vice-versa. Mas sem as palavras, ou sem os conteúdos sobre a pessoa que estejam em harmonia com a pessoa, não há realmente nenhuma “pessoa” em quem você crer.

Assim, somos de fato salvos pela fé em Cristo, mas é somente através da Bíblia que recebemos uma revelação infalível a partir de Cristo e sobre Cristo. Portanto, neste sentido, somos de fato salvos por crer num livro, *este* livro, pois não há nenhuma

diferença entre crer num livro e crer numa pessoa. Contanto que não separemos a revelação de Cristo da pessoa de Cristo, visto que estes realmente não podem ser separados, então de fato somos salvos pela Bíblia, e nela encontramos a vida eterna.

Segue-se que assim como o destino eterno de uma pessoa é determinado por sua atitude e reação para com Cristo, seu destino eterno é determinado por sua atitude e reação para com a Bíblia. Ninguém que rejeita a Bíblia pode aceitar a Cristo ao mesmo tempo, visto que é a Bíblia que mostra Cristo. Portanto, ninguém que rejeita a Bíblia pode ser um cristão, ou pode ser salvo, de forma que todo aquele que rejeita a Bíblia também rejeita a Cristo, tornando certa a sua condenação.

Paulo escreveu: “Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, agradou a Deus salvar aqueles que crêem por meio da loucura da pregação” (1Coríntios 1:21). O homem não pode conhecer a Deus por sua própria sabedoria e poder, mas somente pela auto-revelação de Deus, que ele entregou através dos profetas e apóstolos. Não há salvação fora da Bíblia, pois não há nenhuma forma de conhecer a Deus ou seu caminho para a salvação fora dos escritos dos profetas e apóstolos.

Assim, Deus governa, julga e salva pela Bíblia, ou por um livro. Os incrédulos pensam que isto é loucura. Eles pensam assim não porque os caminhos de Deus sejam de fato loucura, mas porque estes incrédulos são eles mesmos loucos. As mentes deles são tão fracas e cegas que eles não podem perceber ou entender a verdadeira sabedoria. Como Paulo escreve: “Não se enganem. Se algum de vocês pensa que é sábio segundo os padrões desta era, deve tornar-se ‘louco’ para que se torne sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura aos olhos de Deus. Pois está escrito: ‘Ele apanha os sábios na astúcia deles’; e também: ‘O Senhor conhece os pensamentos dos sábios e sabe como são fúteis’ (1Coríntios 3:18-20). .

Os incrédulos são especialistas na auto-aprovação. Eles inventam seus próprios padrões, e então usam estes padrões para se julgarem sábios. Mas ser contado como sábio desta maneira é um horror absurdo. Que tal pessoa torne-se o que ela consideraria um “louco” por estes falsos padrões. Paulo diz: “A sabedoria deste mundo é loucura aos olhos de Deus”. Quando examinamos os incrédulos e as suas filosofias a partir da perspectiva da mente divina, percebemos que elas são loucura. Para colocar de uma maneira simples: os incrédulos consideram-se inteligentes somente porque eles inventaram seus próprios padrões, e então usam estes padrões para medir a si mesmos. Por este método, até mesmo um anão pode parecer um gigante. Os não-cristãos somos apenas uns bandos de pessoas muito estúpidas chamando uma a outra de inteligente; quando examinamo-os de acordo com a verdadeiramente sabedoria, vemo-os como os loucos que são.

Eles nos ridicularizam por tomar ordens de um livro que foi escrito há milhares de anos, como se a verdade mudasse com o tempo. Certamente, alguém sugerir que um livro produzido há tanto tempo atrás deve, portanto, conter inúmeros erros, é condenar tudo o que ele alega conhecer agora. Ele está nos dizendo que, mesmo por seu próprio padrão, não deveríamos tomar algo que ele diz seriamente, visto que em poucos anos ou mais, até mesmo algumas das suas crenças centrais e suas convicções mais firmemente sustentadas serão refutadas. Mas embora os incrédulos ainda não tenham refutado nada que a Bíblia diga, nós podemos refutar tudo o que eles crêem agora

mesmo. O conhecimento nunca progride, isto é, se o conhecimento é aquilo com o qual você começa. Mas a especulação vazia “avança” todo dia, e esta é a essência da história de toda a ciência natural, filosofias humanas e religiões não-cristãs.

Assim, a Bíblia é um livro, mas ela não é como qualquer outro livro. Ela é a mente de Deus, a palavra de Deus, a voz de Deus, e, portanto, possui valor supremo e autoridade última. À luz disto, ficamos maravilhados com o fato de Deus ter nos confiado este livro, tanto para aprendermos a partir dele como para pregar a partir dele. Ele poderia ter escolhido declarar sua palavra à humanidade sozinho, ou poderia ter ordenado aos anjos realizar a tarefa. Pelo contrário, ele permitiu que manuseássemos este livro sagrado, derramou o seu Espírito sobre nós, e fez de meros homens seus “cooperadores” (1Coríntios 3:9).

Tendo lançado o fundamento concernente à relação da Bíblia para conosco e o seu lugar apropriado na sociedade, agora nos voltamos para considerar como Deus a usa para falar aos homens através de homens como instrumentos. É desnecessário dizer que este é um assunto amplo sobre o qual muitos livros têm sido escritos, mas eu tenho um propósito específico, e com ele, vários pontos básicos que gostaria de cobrir. Eu transmitirei somente estes e mais nenhum no que se segue.

Em Neemias 8, há uma descrição do que equivale a um reavivamento ou despertamento espiritual entre o povo de Deus. Eu insto para que você leia pelo menos o capítulo inteiro por conta própria. Aqui teremos tempo de ler somente aquelas declarações que são especialmente relevantes para a nossa discussão:

Quando chegou o sétimo mês e os israelitas tinham se instalado em suas cidades, todo o povo juntou-se como se fosse um só homem na praça, em frente da porta das Águas. Pediram ao escriba Esdras que trouxesse o Livro da Lei de Moisés, que o Senhor dera a Israel. Assim, no primeiro dia do sétimo mês, o sacerdote Esdras trouxe a Lei diante da assembléia, que era constituída de homens e mulheres e de todos os que podiam entender. Ele a leu em alta voz desde o raiar da manhã até o meio dia, de frente para a praça, em frente da porta das Águas, na presença dos homens, mulheres e de outros que podiam entender. E todo o povo ouvia com atenção a leitura do Livro da Lei.

O escriba Esdras estava numa plataforma elevada, de madeira, construída para a ocasião... Esdras abriu o Livro diante de todo o povo, e este podia vê-lo, pois ele estava num lugar mais alto. E, quando abriu o Livro, o povo todo se levantou. Esdras louvou o Senhor, o grande Deus, e todo o povo ergueu as mãos e respondeu: “Amém! Amém!” Então eles adoraram o Senhor, prostrados, rosto em terra.

Os levitas... instruíram o povo na Lei, e todos permaneci-am ali. Leram o Livro da Lei de Deus, interpretando-o e explicando-o, a fim de que o povo entendesse o que estava sendo lido.

Então Neemias, o governador, Esdras, o sacerdote e escriba, e os levitas que estavam instruindo o povo disseram a todos: “Este dia é consagrado ao Senhor, o nosso Deus. Nada de tristeza e de choro!” Pois todo o povo estava chorando enquanto ouvia as palavras da Lei... Então todo o povo saiu para

comer, beber, repartir com os que nada tinham preparado e para celebrar com grande alegria, pois agora compreendiam as palavras que lhes foram explicadas.

Estas pessoas estavam se voltando de anos de negligência e apostasia espiritual. Alguma coisa sobre eles tinha mudado, e era como se eles estivessem voltando de um extremo para outro. Embora eles costumassem ser negligentes, licenciosos, egocêntricos, agora eles estavam ávidos em ouvir a Deus. Esdras leu “leu em alta voz desde o raiar da manhã até o meio dia”, e eles prestaram atenção durante todo o tempo. Mais tarde em 9:3, é dito que a Lei foi lida “durante três horas”, e então o povo gastou “*outras* três horas confessando os seus pecados e adorando o Senhor, o seu Deus”. Hoje as pessoas se consideram cristãos dedicados se gastarem uma hora por semana na igreja. As mesmas pessoas provavelmente pensariam que somente fanáticos gastariam várias horas ouvindo, confessando e adorando.

É verdade que nem toda reunião de igreja deve durar metade de um dia. Essas pessoas tinham negligenciado a Lei durante muito tempo, e estavam especialmente ávidas para aprender o que tinham perdido. Elas estavam fazendo um trabalho completo de retorno a Deus em suas crenças e práticas, e assim, era natural para essas reuniões iniciais durarem tanto tempo. Contudo, isso certamente não significa que as reuniões subseqüentes deveriam ser bem mais curtas, ou que eles não poderiam gastar todo o dia seguinte na Lei e na adoração, à medida que a necessidade e o desejo surgissem.

Quando comecei a pregar, costumava falar de quarenta e cinco minutos a duas horas por vez, e usava até quarenta textos em cada mensagem. Uma vez preguei sobre “Trindade vs. Unicidade” e usei mais de oitenta passagens. Esta abordagem é ocasionalmente apropriada, e algumas vezes até mesmo necessária. Algumas congregações precisam de uma vistoria completa em seus sistemas de crenças e um conhecimento geral de muitas passagens bíblicas. Esta era uma forma de satisfazer aquela necessidade.

Contudo, isto tem os seus problemas, visto que as pessoas não podem manter a atenção durante um tempo tão longo sem interrupção, e usar tantas passagens significa que quase todas elas falharão em receber tratamento detalhado. Em meu caso, fiz isso parcialmente porque cria que o povo necessitava, mas parcialmente também porque não sabia muito, e tentei reunir tudo o que sabia sobre o assunto numa única sessão. Olhando para trás, percebo que foi muito para eles – eles não podiam suportar, especialmente quando havia crianças pequenas na audiência!

Se esta é a abordagem correta depende de vários fatores, tais como a natureza dos ouvintes e a quantidade de tempo (em termos de semanas, meses e anos) que o ministro tem trabalhado com eles. Esta provavelmente não deveria ser a abordagem primária para o pregador que tem acesso ao mesmo grupo de ouvintes por longos períodos de tempo. Mesmo que ele fosse pregar por duas horas, ele deveria estruturar a apresentação claramente, e usualmente selecionar poucas passagens, mas expô-las com certo detalhe.

Regras rígidas são inúteis, mas se um pregador gastar de trinta minutos a uma hora expondo de uma a três passagens todo Domingo, uma congregação saudável pode ser

desenvolvida durante a longa caminhada. Algo menos do que vinte e cinco minutos é provavelmente muito curto para sermões de Domingo, a menos que a pregação seja ao mesmo tempo concisa, profunda e explosiva, ou a menos que a igreja mantenha várias reuniões durante a semana com uma boa frequência dos membros. Um fator pivô, certamente, está em como o pregador habilmente expõe e aplica as passagens bíblicas.

Todavia, se uma abordagem curta é tomada, os membros deveriam consumir materiais suplementares durante a semana. Isto é verdade mesmo que os sermões de Domingo sejam muito longos e detalhados, mas é especialmente necessário quando eles são mais curtos e simples. A igreja pode ajudar a suprir isso de várias maneiras, talvez sugerindo leituras, reuniões de oração e estudos bíblicos. A liderança deveria perceber que algumas congregações tomam a “igreja” muito serialmente, fazendo dela um aspecto integral das suas vidas, de forma que eles têm até mesmo reuniões diárias. Eu penso que todas as congregações deveriam se esforçar nessa direção, mas o mínimo que elas podem fazer é ter duas ou três reuniões por semana.

De qualquer forma, é bom para os crentes desenvolver um maior interesse na pregação e um maior zelo na adoração. A perseverança naturalmente crescerá. Onde isso foi estabelecido como uma questão de hábito e cultura, como em muitas congregações em tempos passados, reuniões longas são a norma. E onde há reavivamento e despertamento, as pessoas anseiam tê-las diariamente.

Aqui encontramos o modelo básico do ministério da palavra, ou os dois elementos da pregação bíblica. Primeiro, o pregador lê a Bíblia. Então, ele dá a exposição e aplicação dos versículos que ele leu, assim como os levitas estavam “interpretando e explicando, a fim de que o povo entendesse o que estava sendo lido”. Da mesma forma, Paulo instrui Timóteo: “Até a minha chegada, dedique-se à leitura pública da Escritura, à exortação e ao ensino” (1Timóteo 4:13).

Quer a pregação dure cinco minutos ou cinco horas, este deve ser o padrão básico e usual. Há vários exemplos na Bíblia para ilustrar isso. Seleccionaremos um do ministério de Jesus:

Ele foi a Nazaré, onde havia sido criado, e no dia de sábado entrou na sinagoga, como era seu costume. E levantou-se para ler. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor”.

Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; e ele começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir”.
(Lucas 4:16-21)

Devemos edificar todos os nossos esforços ministeriais sobre este modelo de leitura e exposição da Escritura. Isto não se aplica somente aos sermões de Domingo, mas a

todos os aspectos de alcance cristão, tais como discipulado, evangelismo e até mesmo criação de filhos.

Nos casos onde a estrutura formal de um sermão é inatural ou indesejável, estes dois elementos de leitura e exposição da Escritura ainda devem estar usualmente presentes. Podemos ilustrar isto a partir do encontro de Filipe com o eunuco:

Então Filipe correu para a carruagem, ouviu o homem lendo o profeta Isaías e lhe perguntou: “O senhor entende o que está lendo?”

Ele respondeu: “Como posso entender se alguém não me explicar?” Assim, convidou Filipe para subir e sentar-se ao seu lado.

O eunuco estava lendo esta passagem da Escritura: “Ele foi levado como ovelha para o matadouro, e como cordeiro mudo diante do tosquiador, ele não abriu a sua boca. Em sua humilhação foi privado de justiça. Quem pode falar dos seus descendentes? Pois a sua vida foi tirada da terra”.

O eunuco perguntou a Filipe: “Diga-me, por favor: de quem o profeta está falando? De si próprio ou de outro?” Então Filipe, começando com aquela passagem da Escritura, anunciou-lhe as boas novas de Jesus. (Atos 8:30-35)

O incidente envolve uma conversação e não um sermão formal, que seria um monólogo. É o eunuco que fornece o texto para a ocasião, e é Filipe que então oferece a exposição e aplicação. Mas note que os dois elementos de leitura e exposição da Escritura ainda estão presentes. Assim, este também é um modelo para o alcance individual ou de pequena escala.

Incidentalmente, a passagem também ilustra a necessidade de exposição. Como nossa leitura de Neemias 8 também mostra, muitas pessoas não entenderão o que uma passagem bíblica significa sem que alguém explique para elas. Certamente, à medida que elas sentam-se sob o ministério de um expositor, elas com muita probabilidade crescerão em sua capacidade de entender a Bíblia por si mesmas. Mesmo nesse caso, podemos estar certos que como um subproduto da exposição de Filipe sobre Isaías, muitas outras passagens, que lhe eram anteriormente ambíguas, abriram-se para o eunuco.

O assim chamado método “expositivo” é frequentemente uma forma excelente de apresentar o ensino da Escritura. Contudo, a abordagem “leia e exponha” não deveria ser identificada com ou restrita ao método expositivo em sua abordagem do texto ou a estrutura da sua apresentação. Com todos os seus perigos potenciais, os sermões tópicos podem facilmente adotar a abordagem “leia e exponha”, e até mesmo o odiado método “prova-textual” é usado na Escritura mais frequentemente do que muitos praticantes da homilética querem admitir. Mas certamente, nem deveria ser preciso dizer que quando você dá uma prova-texto para algo, o texto seria mais apropriadamente uma prova para o que você está afirmando.

Os sermões e discursos que encontramos na Bíblia frequentemente não se conformam ao que é chamado de o método expositivo. Alguns princípios nunca são violados, mas algumas das coisas que os livros-textos sobre pregação prescrevem, em termos de como empregar melhor uma passagem bíblica ou estruturar um sermão, frequentemente não são seguidos pela própria Escritura.

Por esta razão, há pelo menos dois perigos em adotar e aprovar o método expositivo *somente*. Primeiro, um pregador que faz isso tem se limitado, sem boa razão, a usar somente uma abordagem quando poderia haver várias outras que o ajudariam a comunicar melhor seus pontos, quando diz respeito a certos textos e tópicos. Segundo, ele induz os ouvintes a desprezar sermões e discursos que não sejam estritamente expositivos, mas que são, todavia, totalmente escriturísticos e legítimos, tanto em seu conteúdo como métodos. Ainda pior, alguns que têm sido ensinados que somente o método expositivo é aceitável podem se tornar confusos sobre aquelas porções da Escritura onde é claramente usado algum outro método para manusear as passagens bíblicas, e isto, conseqüentemente, pode lançar dúvidas em suas mentes com respeito à confiabilidade e competência dos próprios personagens bíblicos.

Assim, que não haja nenhum mau entendimento: eu afirmo que todo sermão deve ser bíblico em seu conteúdo – ele deve concordar completamente com a Bíblia, e toda passagem bíblica deve ser interpretada no contexto. Em minha própria pregação e escrita, eu tenho – algumas vezes estritamente, algumas vezes livremente – talvez empregado o método expositivo mais do que qualquer outro. Mas eu discordo que ser bíblico implica necessariamente que uma pessoa deve sempre empregar o que é chamado de método expositivo. Devemos ser cuidadosos para que uma opção excelente não se torne um requerimento sem garantia bíblica. Deve haver rigidez absoluta na fidelidade à Escritura, mas algumas flexibilidades quando diz respeito à apresentação.

Então, digamos uma palavra sobre a reação apropriada à pregação bíblica. Ministros apreciarão o que estou para dizer. Algumas pessoas chegam até mim após um sermão e dizem: “Isso foi maravilhoso” ou “Eu realmente apreciei o sermão”. Quando ouço isso, sempre penso comigo, e em algumas ocasiões digo em voz alta: “Mas você ouviu o que eu disse? Você entendeu? Você vai colocar em prática?”.

Uma das respostas mais desapontadoras que um pregador sincero pode receber de um ouvinte é o mesmo não dizer nada mais do que ele “apreciou” aquele sermão “maravilhoso” que ele acabou de ouvir. Eu não me importo muito se o sermão foi maravilhoso ou se ele o apreciou. Eu preferiria muito mais uma resposta apropriada à mensagem, quer em sua oração silenciosa, arrependimento em lágrimas, celebração alegre, amor reavivado ou determinação renovada.

As pessoas choravam ao ouvir Esdras ler a Lei de Deus. Elas podiam perceber a diferença entre os requerimentos de Deus e a prática real delas. Diferente de muitos igrejeiros de hoje, eles não estavam ali como “entendedores” de sermão, para criticar e avaliar o que estava sendo dito. Eles não estavam dizendo: “Isso está muito longo”, “Ele não desenvolveu plenamente o segundo ponto”, “Uma ilustração teria ajudado”, ou até mesmo “De zero a cinco, dou a nota quatro”. Não, eles foram compungidos no coração pelo que ouviram, e se arrependeram com lágrimas confessando os seus pecados. Isso foi seguido por obediência real e uma mudança no estilo de vida.

O povo de Deus deveria ser humilhado, encorajado e provocado pela pregação bíblica. Como os discípulos disseram: “Não estava queimando o nosso coração, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?” (Lucas 24:32). Se isto nunca ocorre em nossos ouvintes, então é porque nossa pregação é seriamente deficiente, quase completamente vazia de algo bíblico, ou porque não há nenhuma vida espiritual nas pessoas, de forma que não há nada para provocar e nada para despertar. Todavia, à medida que o Espírito deseja, a pregação bíblica pode dar vida até mesmo aos ossos secos e colocar carne nova neles. E isto nos traz à próxima seção da nossa discussão.

O fator decisivo na eficácia da pregação é a ação soberana do Espírito Santo. Embora Deus use homens como instrumentos para proclamar sua palavra, eles carecem da habilidade para transformar diretamente os corações dos ouvintes. Por outro lado, o Espírito exerce controle ativo e direto sobre as mentes de todos os homens, causando pensamentos, crenças, atitudes e motivos neles de acordo com sua própria vontade. A Bíblia é o instrumento usual – o conteúdo intelectual com o qual Deus trabalha à medida que ele controla os corações dos homens – que Deus usa para converter e santificar, mas também para endurecer, os corações dos homens. E os homens são os instrumentos usuais pelos quais Deus propaga os conteúdos da Bíblia.

Paulo percebeu que os homens eram “apenas servos por meio dos quais vocês vieram a crer” (1Coríntios 3:5). Paulo plantou, Apolo regou – eles não podiam fazer mais do que isso – mas “Deus fez crescer” (v. 6). Este conhecimento era um fator controlador no ministério de pregação de Paulo. Ele fazia-o depender do Espírito para a eficácia, e ele se regozijava quando o Espírito vinha em poder a medida que ele pregava: “Sabemos, irmãos, amados de Deus, que ele os escolheu porque o nosso evangelho não chegou a vocês somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo e em plena convicção. Vocês sabem como procedemos entre vocês, em seu favor” (1Tessalonicenses 1:4-5).

De uma forma, tudo o que tenho dito até aqui é para levar a este ponto, que é frequentemente reconhecido no papel, mas mui frequentemente negligenciado na prática. Isto é, o ministro ou crente maduro é marcado por sua capacidade de manusear a Bíblia com sabedoria e habilidade, mas isto deve incluir uma dependência genuína do Espírito Santo para trabalhar com a Escritura, e tornar a pregação eficaz. Ele conhece o seu papel. Ele sabe o que deve fazer, mas também percebe que há algumas coisas que ele nem mesmo deve tentar fazer – pelo contrário, ele deve contar com o Espírito Santo para realizá-las.

Um homem de negócios não-cristão certa vez se encontrou com um pregador no salão de um hotel. O encontro foi arranjado por um amigo mútuo, provavelmente a única razão para ele ter concordado. Mesmo assim, ele deu ao pregador somente alguns minutos, talvez menos do que dez. Durante a breve conversação deles, o pregador repetidamente lhe disse: “O caminho do infiel é áspero”. Isso é metade de um versículo de Provérbios. (13:15). Quando ele se levantou para ir embora, o pregador disse novamente.

Algum tempo após isso, ele correu atrás deste pregador novamente numa conferência de algum tipo. E ele disse ao pregador: “Após conversarmos, eu não podia lembrar de

nada do que você disse, exceto ‘o caminho do infiel é áspero’. E isso continuou me voltando à mente. Eu me virava e revirava e minha cama de noite. Aquela declaração ficava se repetindo novamente e novamente em minha mente. Eu acordei na manhã seguinte, e era como se aquelas palavras estivessem na extremidade da minha cama, olhando diretamente para mim e dizendo: ‘O caminho do infiel é áspero’. Eu fui trabalhar, e era como se a declaração estivesse falando comigo para onde quer que eu olhasse: ‘O caminho do infiel é áspero’. Eu estava para fazer algo que sabia ser errado, e aquele versículo veio à minha mente: ‘O caminho do infiel é áspero’. Aquele versículo me assombrou. Ele quase me deixou doido. E então, finalmente, percebi... finalmente ele me golpeou – o caminho do infiel é áspero! Eu me ajoelhei na minha cama, no quarto do hotel, me arrependi dos meus pecados, e recebi a salvação através de Jesus Cristo”.

O pregador respondeu: “Deixe-me lhe contar o final da história. Eu estava desapontado por você não ter me dado uma oportunidade para dizer o que desejava dizer. Mas após você partir, orei: ‘Senhor, não tive tempo para dizer tudo o que desejava para este homem, mas ainda assim, eu preguei sua palavra para ele, e tu disseste que tua palavra não retornará para ti vazia. Agora eu oro para que o Senhor use o que eu disse e o persiga com isso. Senhor, trabalhe em seu coração, até mesmo o assombro dia e noite, e que seja feita a tua vontade nele’. Evidentemente, Deus foi fiel e honrou sua palavra e realizou exatamente o que eu lhe pedi”.

Spurgeon disse: “Tenho notado que sempre quando temos uma conversão, em noventa e nove de cada cem casos, a conversão é atribuível ao texto, ou a alguma passagem da Escritura citada no sermão, do que a qualquer adágio velho ou original do pregador” (sermão n.º. 172, *Search the Scriptures*). Em nosso exemplo, o pregador falou ao homem de negócios sobre o caminho da salvação através de Jesus Cristo, mas a chave que girou tudo ao redor dele não foi nada mais do que metade de um versículo de Provérbios. Ela foi *entregue* ao homem por um homem, mas ela foi *dirigida* ao seu coração pelo Espírito Santo.

Em outro lugar Spurgeon menciona um homem que foi convertido por uma genealogia do Antigo Testamento na qual a passagem bíblica repetia as palavras “e ele morreu... e ele morreu... e ele morreu”. O homem repentinamente percebeu sua mortalidade, que um dia *ele* morreria como o restante das pessoas, e após isso ele seria levado ao céu ou lançado no inferno. Ali mesmo ele foi convertido e recebeu a salvação através da fé em Jesus Cristo.

Assim com na conversão do eunuco em Atos 8, algumas vezes instrumentos humanos podem estar totalmente envolvidos no processo. Nesta ocasião, Filipe correu para se juntar à carruagem e então gastou algum tempo expondo a Cristo para ele a partir da Escritura. Mas algumas vezes Deus se agrada de reduzir ou até mesmo minimizar o papel dos instrumentos humanos.

Um certo jovem gastou anos buscando a verdade e realidade espiritual. Ele tinha ouvido centenas de horas de sermões, e lido uma pilha não pequena de livros. Mas seu espírito permanecia perdido e morto. Então, um dia ele estava lendo um livro e se deparou com uma citação da Bíblia: “No último e mais importante dia da festa, Jesus levantou-se e disse em alta voz: ‘Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer

em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (João 7:37-38). Imediatamente ele se decompôs e caiu em lágrimas, e foi convertido. O que fez a diferença? Ele queria esta água da vida, e a buscou diariamente por muitos anos. Pelo desígnio de Deus, ele foi levado a buscar, mas o que ele estava buscando o iludia. Então, *repentinamente*, o Espírito abriu os seus olhos, e o que anos de busca não puderam produzir foi lhe dado num instante.

O papel do instrumento humano é algumas vezes reduzido ou minimizado, mas isto não pode ser dito do Espírito, cuja obra é sempre necessária e decisiva. William Barclay escreveu sobre a história de Signor Antônio de Minas Gerais, Brasil, que comprou um Novo Testamento para que pudesse queimá-lo. “Ele foi para casa e achou o fogo apagado. Deliberadamente o acendeu e lançou o Novo Testamento nele. Ele não iria queimar. Então, o homem abriu as páginas para facilitar o processo de queima. Ele abriu no Sermão do Monte. Signor olhou de relance quando o entregou às chamas. Sua mente foi capturada; ele o tomou de volta. Ele o leu, esquecido do tempo, durante as horas da noite, e quando a aurora estava raiando, se levantou e declarou: ‘Eu creio’”.⁵

Paulo chama a palavra de Deus de “a espada do Espírito”. Ele a colocou nas mãos de cristãos, e como mencionamos, esta palavra pode ser usada com maior ou menor sabedoria e habilidade. Este é o porquê ele exorta Timóteo: “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade” (2Timóteo 2:15). Então novamente, algumas vezes o papel dos instrumentos humanos é reduzido ou minimizado, e o Espírito de Deus empunha a palavra por si mesmo, quebrando toda resistência, e dirigindo-a profundamente nos corações dos homens.

Novamente, Barclay escreve: “Vicente Quiroga do Chile encontrou algumas páginas de um livro levado para o litoral por uma grande tempestade seguida de um terremoto. Ele leu-as e nunca descansou até que obteve o resto da Bíblia. Não somente ele se tornou um cristão; ele devotou o resto da sua vida à distribuição da Escritura nos vilarejos esquecidos do norte do Chile”.⁶

De forma alguma estou urgindo para que negligenciemos nosso papel no ministério da palavra, visto que devemos ser diligentes em desenvolver nossa habilidade de manusear a Escritura (2Timóteo2:15), de forma que possamos habilmente tratar com quem quer que encontremos “conforme o ministério que o Senhor atribuiu a cada um” (1Coríntios 3:5). O que estou insistindo é por uma confiança mais forte na Bíblia e uma dependência genuína do Espírito para operar poderosa e eficazmente, para produzir conversão nos eleitos e santificação nos crentes, algumas vezes em conjunção com nossa exposição, e algumas vezes quase completamente aparte dela.

Baseado no que dissemos sobre a Bíblia, o pregador, e o Espírito, consideremos agora algumas aplicações.

Deus deu à Bíblia um papel central na história humana. Ele governa por ela. Ele julga por ela. Ele salva por ela. E seu Espírito trabalha com ela para chamar os eleitos à fé,

⁵ William Barclay, *The Letters to Timothy, Titus, and Philemon, Revised Edition* (Westminster John Knox Press, 1975), p. 200-201.

⁶ Ibid.

para amadurecer os santos, e para endurecer os réprobos. Por seus vários efeitos, ela até mesmo influencia o destino das nações. Segue-se que a Bíblia deve ocupar um lugar em nosso ministério que seja consistente com a autoridade e importância que Deus atribuiu a ela. Qual é a sua autoridade? Qual é a sua importância? Se tivermos uma visão apropriada deste livro, então quando nos referimos a “a Bíblia”, isso é apenas uma abreviatura para a porção revelada da mente divina. A partir desta perspectiva, a Bíblia carrega a própria autoridade de Deus e a própria importância de Deus.

A aplicação negativa é que não devemos permitir que nada comprometa ou substitua o lugar da Bíblia em nosso ministério. A Bíblia pode romper rochas, expulsar demônios, e evocar do fogo do céu, e, todavia, alguns de nós pensam que precisamos baratear a propaganda para alcançar as pessoas. Que insulto é para Deus pensarmos que a Bíblia é mais eficaz quando apresentados por fantoches, através de cartuns, novelas e filmes, ou qualquer outro artifício produzido pela criatividade humana.

Spurgeon diz aos ministros: “Faremos bem em estar diante de Cristo conscientes de seu poder e presença... Ora, se seu evangelho não conta com o poder do Espírito Santo, não podem pregá-lo com confiança, e serão tentados a utilizar métodos para atrair as pessoas às quais o Cristo crucificado não atrai. Se dependem de tais expedientes, estão degradando a religião que pretendem honrar”.⁷

É sobre isto que estou falando. Há poder na Palavra. Há poder no Espírito. E neste poder divino que confio quando ministro, quer esteja pregando, escrevendo ou aconselhando. É fútil para mim esforçar-me confiando na carne. Esta dependência do poder divino remove qualquer pressão sobre mim de produzir o que o homem nunca poderá realizar. Devemos proclamar, persuadir e implorar, e então refutar, repreender e relembrar. Mas nem todo mundo crerá – alguns foram pré-ordenados por Deus para a destruição.

Pense comigo sobre como você tem usado a Bíblia – ou melhor, como você não a tem usado. Algumas vezes temos substituído a Bíblia por algo mais sem nos apercebermos. Talvez você tenha debatido evolução com um amigo em diversas ocasiões, tentando convencê-lo do seu erro. Mas agora que pondera sobre isso, você constata que tem tratado com ele inteiramente sobre a base da ciência, usando apenas argumentos científicos. Suponha que ele agora continue a pensar sobre sua discussão com ele, e até mesmo chegue à conclusão de que a evolução é falsa. Agora, no que ele deverá crer? Você não lhe disse nada. Você apenas refutou a especulação humana inferior com uma especulação humana superior.

Esta é a verdadeira natureza da ciência – mera especulação humana, e você introduziu algo infinitamente inferior à revelação divina numa tentativa de reforçar a Bíblia. Devemos nos importar se o idiota aprova o gênio? O que importa se o vilão dá o voto de aprovação ao santo? E daí se o irracional vindica o racional? Mesmo que o testemunho do anterior não fosse completamente inútil, ouçamos mais o último. Um ministro fica sem poder se em sua própria tentativa de vindicar a Escritura, ele está ao mesmo tempo distraído de proclamá-la.

⁷ C. H. Spurgeon, *Um Ministério Ideal* (Editora PES), p. 106,107.

A Bíblia é suficiente tanto para afirmar como para defender seus próprios ensinamentos. Ela é uma espada poderosa, e devemos desenvolver a habilidade de manuseá-la. Contudo, a maioria das pessoas deve primeiro desenvolver uma confiança nela antes mesmo de considerá-la primariamente uma arma, para não dizer a arma exclusiva deles. Somente então eles poderão cessar de depender de substitutos e alternativas, e parar de olhar para a Bíblia como algo inútil que eles devem desesperadamente proteger por métodos extra-bíblicos. Uma vez que eles aprendam a respeitar a Bíblia pelo que ela é, eles começarão a vê-la como a arma divina pela qual nossas oposições são destruídas.

Sobre o lado positivo, um entendimento apropriado da autoridade e do poder da Bíblia, bem como do seu papel importantíssimo na história humana nos preveni de nos tornarmos cansados, mas a persistir em sua propagação freqüente e difusa. Ele ainda nos admoestará a nos tornarmos mais deliberados em nosso uso da Bíblia, bem como dar a ela o lugar supremo em situações onde temos negligenciado seu papel e potencial.

Algumas pessoas me dizem que elas desejariam fazer mais em termos de evangelismo, mas elas carecem de habilidade para defender a fé e assim, elas se esforçam para se tornar melhor equipadas. O desejo delas de aperfeiçoamento é recomendável, mas se até mesmo metade de um versículo de Provérbios pode converter um homem de negócios mundano que previamente não tinha mostrado nenhum interesse em religião, então certamente nenhum crente deveria se sentir impotente, ou como se ele não tivesse nenhuma mensagem poderosa que pudesse declarar ao pecador. Certamente, à medida que a habilidade de alguém aprimora, ele trará mais facilmente à superfície a força que é inerente na revelação divina, de forma que sua verdade se tornará mais prontamente óbvia. Mas mesmo então, ainda é o Espírito quem deve levar a mensagem até o fundo do coração. Mas com o Espírito, até mesmo metade de um versículo da Escritura inadvertidamente ouvido sem querer por um incrédulo pode demolir sua obstinação e converter sua alma.

Seria impossível mencionar cada aspecto da nossa vida e ministério, mas consideremos somente mais um. E este é: devemos ser mais deliberados e diligentes em nosso uso da Bíblia ao tratar com as crianças. Não devemos estabelecer regras rígidas sobre como devemos fazer isto, mas até mesmo um versículo da Escritura posto na parede pode ser usado pelo Espírito para convencer, converter e santificar uma criança. Ou tal versículo pode ser algo que o Espírito usará para trazer a criança rebelde de volta para Deus muitos anos mais tarde.

Um pregador mencionou que ele foi convertido por um versículo da Escritura escrito na contracapa de uma Bíblia lhe dada por sua mãe. Ele tinha colocado de lado esta Bíblia e nunca tinha lido-a, mas ele leu o bilhete que sua mãe escreveu. O Espírito o lembrou dele num dia, e aquilo foi suficiente para trazer esta pessoa de volta de muitos anos de viver desordenado. Mas embora Deus possa usar até mesmo metade de um versículo para cumprir a sua vontade, sua prescrição é a imersão total:

Ouçã, ó Israel: O SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR. Ame o SENHOR, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus

filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa. Escreva-as nos batentes das portas de sua casa e em seus portões. (Deuteronômio 6:4-9)

A dependência do Espírito faz com que paremos de tentar reforçar a Bíblia com a nossa carne. O que você quer dizer com isso? Para mencionar um aspecto disto, alguns pregadores usam uma voz monótona, lamentosa, chorosa ou suplicante quando eles falam. Alguns abaixam suas vozes e tentam parecer misteriosos. Ainda outros são muitos barulhentos e exuberantes por nenhuma razão. Além de ser artificial e aborrecedor, estas tentativas de reforçar as palavras divinas da Escrituras não adicionam nada à substância da mensagem. Não há nenhum poder real, pois não há dependência do Espírito Santo, mas eles estão tentando fazer os ouvintes responderem à mensagem com estes artifícios tolos.

A verdade é que quando dizemos às pessoas, “Cria nisto”, *elas não crerão* – a menos que o Espírito lhes dê fé. E quando dizemos às pessoas, “Façam isto” ou “Parem de fazer aquilo”, *elas não pararão* – a menos que o Espírito lhes conceda arrependimento e obediência. Nós entregamos a mensagem, mas precisamos que o Espírito cause a reação apropriada nas pessoas, e injete a força interior necessária neles para realizar as coisas requeridas deles. É nisto que devemos confiar. Nós apenas tornaremos as coisas piores se tentarmos produzir aquilo que somente o Espírito pode gerar.

Talvez alguns pregadores pensem que devem soar como eles fazem para que exibam um senso de seriedade. Mas se este é o intento, então que haja um transbordar genuíno a partir do espírito, ao invés de apenas uma demonstração de representação pobre. Seria melhor o pregador abrir uma passagem da Escritura, ler a mesma três vezes, e então mandar todo mundo para casa com uma oração para que o Espírito aja, do que ele tentar produzir poder e efeito espiritual com a sua carne.

Alguns cristãos sofrem sob dúvida persistente, e muitos lutam com pecados teimosos. Eles precisam saber que ninguém pode simplesmente tomar a exortação da Escritura para crer e então produzir fé em si mesmo por si mesmo. Uma pessoa não pode simplesmente decidir crer em algo que ela de fato não crê. Assim como não podemos nem mesmo tornar nosso cabelo branco ou preto de acordo com a nossa vontade (Mateus 5:36), ainda menos podemos transformar nossos corações de acordo com a nossa vontade, incluindo a tarefa impossível de mudar nossa vontade de acordo com a nossa vontade. Da mesma forma, uma pessoa não progride em santidade simplesmente porque ela decide que isso deve acontecer. Paulo escreve: “Pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (Filipenses 2:13). Falhando em captar este ponto, muitas pessoas tentam manufaturar por pura força de vontade o que a Escritura demanda, e então, certamente, elas se tornam desapontadas e desiludidas.

Qual é o caminho correto? Não devemos ter nenhuma confiança na carne, mas devemos nos expor à Bíblia, imergir a nós mesmos em suas palavras e seus ensinamentos, e então orar para que o Espírito torne-as eficazes em nossas vidas. A carne é impotente e não serve para nada. A vida e o poder estão na Escritura e no Espírito. Certamente é

correto lutar e tentar, bem como manifestar esforço na vida cristã. Mas somente o Espírito pode transformar o coração humano, incluindo o seu. Até mesmo um esforço correto e uma luta frutífera deve vir do Espírito Santo. É ele quem nos concede o esforço espiritual santo, e então, é ele quem abençoa isso em nós.